

A Falta de Processo

Mauro Mendes Dias¹

Encontramo-nos marcados, em nosso quotidiano, por diferentes palavras e expressões, tal como «kafkiano», que tecem como referência, a obra e a vida de Franz Kafka. Essa condição está para além de uma penetração exaustiva dos textos do autor, em nosso meio cultural. Se essa utilização das palavras nos lembra Kafka, isso somente acontece porque, antes de mais nada, expressam uma verdade que nos é íntima.

Há um elemento inédito na obra de Kafka. Sua escrita atravessa seu corpo, e define seu gozo. O que significa isso? Significa que, em Kafka, sua obra extravasa para o corpo. Na *Metamorfose*, por exemplo, o sujeito desperta num corpo de insecto. A transformação é abrupta, e sem mediação com uma anterioridade. No *Processo*, outra vez ao despertar, o sujeito é surpreendido numa condição inacreditável.

O factor traumático da invasão, enquanto o que decide inteiramente pela condição do sujeito, é um elemento que se repete e que merece ser considerado na obra de Kafka. Na *Metamorfose* e no *Processo*, por exemplo, há um traumatismo que é efeito da invasão de uma nova condição do sujeito na existência. Contudo, o despertar de Gregor Samsa na *Metamorfose*, não é do mesmo estatuto daquele de Josef K, no *Processo*. Na *Metamorfose*, há uma instantaneidade da diferença que o despertar promove, que é simultâneo à sua constatação pelo sujeito. Já, no *Processo*, o sujeito acorda, constata a falta do café da manhã, toca a campainha, e depois é que vai ter conhecimento de seu novo estado. Através de um outro. O factor traumático se mantém nos dois casos. O que os distingue é o tempo. Em nosso caso, o tempo com sujeito. Portanto, é preciso admitir que não há tempo para compreender na *Metamorfose*. O despertar desperta, pelo traumatismo.

¹ Psicanalista da Escola de Psicanálise de Campinas.

O que é curioso no *Processo* é o surgimento progressivo de uma atração de Josef K, pelo processo. O que nos permite reconhecer a experiência do gozo. Há, assim, gozo na trama do Processo. Ele é obsceno, quando, por exemplo, a mulher do porteiro mantém relações sexuais com um estudante, dentro do tribunal, na primeira audiência de K. Ele também é fálico, na medida em que se manifesta pelos diferentes jogos eróticos e menções a relações sexuais por parte do personagem, com mulheres. Ou ainda, como gozo do Outro, masoquista, promovido pelo tipo de lugar e tratamento dispensado pelos advogados a seus clientes, vale lembrar, homens.

O manejo perverso da Lei encontra, no último caso, o terreno de sua instalação. Porque se os advogados podem fazer o que bem entenderem com seus clientes, é mesmo porque não há Justiça que, no limite, não há Lei com poder de sanção simbólica. Não há Lei escrita. Não há, portanto, um modo de ser reconhecido e escutado pelo Direito, tampouco como sujeito.

A obscenidade da eliminação do texto da Lei, se mostra realizada no momento em que Josef K abre o livro do juiz, e dentro dele existem apenas fotos pornográficas. A falta do Processo, encontra a razão de seu fundamento na inexistência de um texto, de um processo de escrita, que dê sustentação à Lei.

A Lei, seja ela em seu fundamento jurídico, seja ela em seu estatuto simbólico, pela Psicanálise, se refere a uma alteridade que, desde um lugar terceiro, sustenta haver diferença. Ainda que o conceito de diferença vá se modalizar diferentemente, em um e em outro campo.

Se, de um lado, há uma falta do *Processo*, que se refere a uma falta de texto escrito da Lei, por outro, há uma falta de processo. Não há processo no Processo. O processo aí, corre inteiramente fora das referências jurídico-legais. Não apenas a Justiça faz o que quer. É mais do que isso. O Processo nos apresenta esse tempo em que não há mais saber. Todas as informações são ocultadas. Ao mesmo tempo, o sujeito é surpreendido negativamente a cada instante. A condenação é a norma. Somente por isso não há absolvição real. E se não há absolvição, é mesmo porque a verdade do sujeito não conta, ao lado de não haver recurso de apelo. A decisão do Outro, seu vaticínio, é um imperativo que comanda o destino do gozo do sujeito.

Como disse o pintor a Josef K:

- «Todas as coisas dependem da justiça».

Mesmo para um leitor desinteressado em tais questões, é frequente encontrarmos passagens no texto do *Processo* em que a fala do personagem, de tão vazia, de tão limitadamente revoltada pela verdade, ecoa o sentido de uma frase de Kafka, em sua vida: - «desaprendi de falar».

A Josef K falta a fala autêntica. Há uma falta de enunciação no personagem. O que é notável é o fato de que a essa falta de sustentação de uma fala autêntica, Kafka vá responder pela escrita. Pela escrita do *Processo* ele vai dar sustentação, vai dar texto a um sujeito. Sujeito esse que vai morrer ao final, aliás, como todos nós, Josef K tem um encontro fracassado com a morte. A diferença é que Josef K nos transmite uma questão, ele deixa um resto para ser simbolizado. São suas últimas palavras:

- «É como se a vergonha fosse sobreviver a ele».

Vou começar destacando que há, nesse final do texto de Kafka, uma aposta no futuro. O que haverá de sobreviver é a vergonha.

Com muita facilidade somos levados a considerar a vergonha pelos olhos do Pai, no caso, do pai de Kafka. A assimilação que se faz, com tanta frequência, de Kafka com seu pai é excessiva. Tal excesso se deve a responsabilizar a paternidade como única instância decisiva na dinâmica subjectiva. Nesse sentido, tende-se a fazer equivaler Kafka a uma vítima atormentada pelas crueldades paternas. Ocorre que, só temos conhecimento da existência do pai de Kafka, porque Franz Kafka, o escritor, falou sobre ele. A escrita do autor vem antes do pai. Ela o introduz. Mas é evidente que só se pode ler Kafka, porque ele está referido a um Pai. Seja aquele de seu parentesco, ou mesmo aquele com quem ele dialogava em seus pensamentos. Da mesma forma, há também o Pai como efeito da escrita da obra. Nesse sentido, o Pai advém como o elemento que permite a sustentação do sujeito enquanto autor, pela escrita. Tal como o filho, a escrita engendra o Pai. O sujeito é, assim, filho da escrita.

O que acontece quando a escrita que dá origem ao sujeito, não é suficiente para fazer barreira ao que, no caso de Kafka, invadia seu corpo? Nele, não há tal tipo de solução. O *Processo*, afirmou o autor, é uma novela interminável, ao lado de considerá-la incompleta.

Lembremos da primeira advertência que Josef K recebe no início do *Processo*:

- «Você não pode sair, está detido».

Desde o princípio o texto mostra o lugar do sujeito. É o fio de uma lâmina, não tem como se esquivar. Josef K está detido, paralisado, tomado por inteiro num mandamento – «não poder sair», ou seja, não poder falar de forma autêntica, desembaraçada. O sentido de todas as suas acções está determinado pelo processo.

O Processo é, ao mesmo tempo, uma fala e uma acusação que decidem, sem julgamento, pelo destino do sujeito. Sendo assim, há um processo no Processo. É o processo interminável que, em seu caso, compromete-o pela condição de detido, acelerando o encontro com a morte. Morte decretada pelo Outro, vale lembrar.

A sobrevivência pela vergonha que Josef K transmite como questão para o futuro, se refere à condição de sobrevivência do sujeito pela palavra-sexo. Para tanto, é preciso considerar que a vergonha encontra, em Freud, o estatuto de conceito decisivo. Ela se situa a partir da experiência do sujeito com a castração. A vergonha é articulada pela lei da diferença sexual, enquanto, primeiramente, efeito promovido no sujeito com o que ele imagina faltar. Ou seja, há um estatuto da vergonha que é tipicamente imaginário, e que se faz presente na dialéctica entre o sujeito e o Outro, no momento em que vive pelo corpo, através da imagem, o retorno de sua não completude. De tal forma é um conceito decisivo em Freud, que ele faz equivaler a vergonha ao traço de carácter, introduzindo a condição de não eliminável. O que nos deixa prevenidos para a abordagem da vergonha numa direcção, em que não se trata de apregoar sua eliminação. Isso porque, havendo sexualidade, haverá vergonha. Não foi um voto qualquer o que foi expresso por Kafka ao final do texto do *Processo*. Já que manter a aposta de sobrevivência pela vergonha, implica em reconhecer a presença de sujeito do desejo.

Para concluir, vou estabelecer uma trílice indicação relativa à questão deixada pelo *Processo*.

1- Em sua primeira apresentação, ela pode ser mostrada como falta de texto escrito da Lei.

2- Em sua segunda modalização, ela se revela pelo determinismo da Justiça, enquanto promotora de um aprisionamento condenatório pelo anonimato da Lei, assim como de seus agentes.

3- Em sua terceira montagem, o texto do *Processo* nos leva a ter de considerar o efeito fascinante que a voz da Justiça promove. O sujeito é levado por esses comandos e, como afirmei antes, há gozo nesse percurso.

Realizar um diagnóstico do problema deixado pelo texto do *Processo*, é tão-somente um primeiro passo, necessário, de forma a poder reconhecer sua dimensão de mais além. Nesses termos, há tanto o advento de uma palavra verdadeira, reconhecida como não presente, quanto a interrogação sobre o desembaraçamento necessário de um processo que não seja interminável. E que a incompletude, referida por Kafka ao texto, não se torne sinonima de eliminação da morte.

O de que se trata hoje, e desde sempre, é poder levar em consideração a potência da eliminação da escrita da Lei. Ao mesmo tempo, manter uma referência à escrita da Lei, como um processo de leitura sustentada pela decifração simbólica.

Os poetas, os escritores, os artistas, segundo Freud, precedem os psicanalistas. Sendo assim, será necessário reconhecer que há, através de Kafka, anunciada uma ordem possível da existência, em que a eliminação da referência à Lei, o gozo da voz anônima da Justiça, e um empurrão ao gozo mortífero, se encontram ligados. Perguntar à essa voz «O que queres?», já é participar do processo de desaparecimento.

Resta, então, a possibilidade de sustentar, pela vergonha, um despertar do sujeito que não seja seguido pela condenação absoluta. Para tanto, não basta considerar como única alternativa uma disseminação extensiva da legalidade. Nesse mundo que Kafka nos introduz, o que se destaca desde o primeiro momento é a devoção. Há uma devoção que é correspondente à sujeição. Tal devoção se amplia, no decorrer do tempo, em dedicação incondicional. Uma aproximação com a experiência religiosa se anuncia. Ela é solidária da posição em que o sujeito se encontra inteiramente suspenso de seu mundo cotidiano. Mesmo sendo informado que o processo não lhe impede sequer de ir ao trabalho, Josef K vai se retirando cada vez mais do mundo à sua volta.

Sua dedicação incondicional participa de um mesmo privilégio que é compartilhado pelo fervor religioso: aos dois corresponde uma parceria com um Outro absoluto. Tanto no Processo, quanto na devoção fervorosa, conta-se com um Outro que visa ao sujeito em seu ser. A diferença é que, no Processo, conta-se com o engano, ainda que nada justifique tal tipo de

aposta. Josef K foi escolhido, eleito como o sujeito a ser condenado. Encontramos aqui com o carácter antecipatório de Kafka em relação àqueles que, sem saber porque, anos depois viriam a ser executados nos campos de extermínio.

É surpreendente que não nos alarmemos mais com o fato de que, no caso de Josef K, ele mesmo se incluía de forma a promover sua eliminação. Temos uma facilidade surpreendente para não avançarmos na tentativa de elaboração da experiência com a morte. Aliás, esse é o ponto sem solução no *Processo*. Por que? Porque Josef K se encontra tomado, encantado, gozoso, com as cativações de Thanatos. Ele não consegue se desembaraçar disso que o envolve, que o determina e que o precede. Ele luta, mas cada vez mais se afunda em decisões insensatas. Cada vez menos a palavra dele produz diferença no *Processo*.

A culpa é o elemento que não pode ser deixado do lado de fora na análise do texto do *Processo*. Por que? Porque há uma dívida que a promove. A culpa é efeito da dívida. Dívida do que? Da demanda de amor dirigida ao Pai. De não ter aberto mão dessa demanda. Consequentemente o sujeito se encontra privado de uma série de condições simbólicas que lhe permitiriam se haver com o real que o invade, primeiramente, em se tratando de Kafka, no seu corpo, com os sofrimentos que padeceu fisicamente. Tanto o sujeito é responsável por essa posição que Kafka, por exemplo, quizesse que sua obra fosse destruída. Seria exagero supor que o Pai necessário à Kafka, nunca pôde se cumprir? Isso não é o mesmo que nomeá-lo como psicótico, mas sim de reconhecer que ele viveu, em seu corpo, o extravasamento dos pontos em que a escrita, como rede simbólica, não pôde se sustentar.

Não deve ter sido à toa que Kafka deixou *O Processo* como incompleto. O *Processo* deixa em aberto uma questão que vai para além do texto:

-Qual a invenção necessária para um processo que condena o sujeito, em nome da Justiça, à sua própria eliminação?

Logo no início do texto, chega a passar pela cabeça de Josef K que aquilo tudo que estava acontecendo fosse uma brincadeira de mau gosto, devido a ser o dia de seu aniversário. Josef K não pôde tratar o *Processo* como uma brincadeira. Ele não pôde dar as costas, deixando tudo cair. Josef K não brinca, não ri.

A falta de processo

Metamorfosear o si mesmo é a alternativa que escapa à Josef K. Metamorfosear o gozo mortífero da Justiça, como condição para que a vingança caia. Isso implica na substituição do desejo de vingança, pela Justiça com desejo. Sonho impossível? Apenas se ficarmos detidos às tramas do Processo. Por isso mesmo vale a pena ir além dele. Não mais como solução a ele, mas como instauração de uma Outra realidade. Ela haverá de se manter por um tríptico enlaçamento:

- A Lei, pela escrita.
- O Direito, pelo desejo.
- a verdade, pela palavra – claudicante.